



Organização das Nações Unidas
para a Alimentação
e a Agricultura



OBJETIVOS
DE DESENVOLVIMENTO
SUSTENTÁVEL

16 de outubro de 2022

Dia Mundial da Alimentação



Melhor produção, melhor nutrição,
melhor ambiente e uma vida melhor

OS OBSTÁCULOS

Cumpridos três anos de pandemia, duas coisas estão bem patententes. Uma é o quão interligadas estão as nossas vidas e economias. A outra é que, no caminho para a recuperação, há demasiadas pessoas que estão a ser deixadas para trás e são incapazes de beneficiar em partes iguais da inovação e da prosperidade. Atingidas por conflitos, crise económicas, desigualdades e alterações climáticas, bem como pela subida dos preços dos alimentos, hoje em dia, há 3,1 mil milhões de pessoas em todo o mundo que ainda não se podem permitir uma alimentação saudável. Paradoxalmente, duas em cada três pessoas em situação de pobreza extrema vivem em zonas rurais e dependem da agricultura para a sua subsistência. Confrontados com uma crise mundial da fome, temos de aproveitar o potencial da solidariedade e da ação coletiva para construir um mundo sustentável, onde todos tenham acesso regular a alimentos nutritivos em quantidade suficiente.





A fome à escala global em novo máximo

A fome continua a aumentar a um ritmo acelerado e, em 2021, afetou um total de 828 milhões de pessoas – o que representa um aumento de cerca de 46 milhões de pessoas desde 2020 e 150 milhões desde 2019. A situação é semelhante para a insegurança alimentar aguda em relação ao nível de crise, ou de crises esporádicas e súbitas que limitam o acesso das pessoas aos alimentos a curto prazo ao ponto de ameaçarem as suas vidas e meios de subsistência. Em apenas dois anos, o número de pessoas que se encontra em situação de insegurança alimentar aguda aumentou de 135 milhões para 193 milhões, e tudo aponta para um agravamento em 2022. Cerca de 750 000 pessoas vivem em condições de fome em cinco países (Afeganistão, Etiópia, Somália, Sudão do Sul e Iémen) – mais do quántuplo em comparação com 2020 segundo aponta o Hunger Hotspots Report (relatório sobre os locais críticos da fome), elaborado pela FAO e pelo PAM (junho de 2022).

Em alguns pontos do globo, pessoas morrem à fome e as crianças estão a perder a oportunidade de um futuro saudável devido a subnutrição grave. Mesmo uma desnutrição leve a moderada pode aumentar o risco de uma criança morrer de causas múltiplas e tem um efeito duradouro no desenvolvimento físico e cognitivo. Juntos, estes efeitos ameaçam destruir anos de vitórias conquistadas a muito custo em termos de desenvolvimento.

Os conflitos, os períodos de abrandamento e de recessão, a emergência climática e a degradação ambiental são os principais fatores impulsionadores da insegurança alimentar e da fome no globo. O mesmo se aplica às consequências da COVID-19, que vieram perturbar as cadeias de abastecimento e limitar a capacidade das pessoas de prover às suas necessidades.

A guerra na Ucrânia agravou ainda mais a situação ao impedir o acesso aos cereais provenientes daquela região, um dos maiores celeiros do mundo, para os principais países importadores, e ao aumentar o custo dos fatores de produção, especialmente fertilizantes, tornando-os menos acessíveis para os agricultores e afetando a plantação de culturas alimentares essenciais e outros alimentos nutritivos para a próxima campanha. Como resultado, os preços aumentaram ainda mais, o que pode empurrar milhões de pessoas para a fome e a subnutrição.

A fome, a subnutrição e a pobreza são mais difíceis de ultrapassar quando se vive em guerra, em conflito ou numa zona propensa a riscos naturais. Nas últimas décadas, um número crescente de crises tem começado como um evento catastrófico de curta duração que, com a conjugação de diferentes choques, se transforma, a mais longo prazo, numa crise prolongada que, à medida que o tempo passa, vai deixando mais e mais pessoas para trás.

COMO ESTÁ A GUERRA NA UCRÂNIA A AFETAR A SEGURANÇA ALIMENTAR?

A Federação Russa e a Ucrânia contam-se entre os principais produtores de cereais e sementes oleaginosas do mundo. Ambos os países são exportadores líquidos de produtos agrícolas e são os principais fornecedores de produtos alimentares essenciais e fertilizantes para os mercados globais, onde a oferta para exportação está frequentemente concentrada num punhado de países. A elevada concentração pode expor esses mercados a uma maior vulnerabilidade a choques e volatilidade. Em 2021, a Federação Russa ou a Ucrânia, ou ambas, estavam entre os três maiores exportadores mundiais de trigo, cevada, milho, colza e óleo de colza, sementes de girassol e óleo de girassol. A Federação Russa também era o maior exportador mundial de fertilizantes azotados, o segundo maior fornecedor de fertilizantes potássicos e o terceiro maior exportador de fertilizantes fosfóricos.

O agravamento dos preços dos alimentos como resultado da guerra na Ucrânia afetou significativamente o acesso de países que já estavam a passar por uma crise alimentar, e países que importaram mais de 30% dos seus cereais destes dois países devido a faturas de importação substancialmente mais elevadas.

A manterem-se os preços elevados dos fertilizantes, a crise atual poderá refletir-se na época de plantio de muitas outras culturas alimentares, especialmente o arroz, o que iria afetar milhares de milhões de pessoas na Ásia e na África subsariana.



Preços em alta



Os preços dos alimentos aumentaram no último ano devido a estrangulamentos nas cadeias de abastecimento, ao aumento dos custos de transporte e outras perturbações causadas pela pandemia da COVID-19, aos conflitos em várias regiões do mundo, incluindo a guerra na Ucrânia, e à crescente frequência e intensidade dos extremos climáticos.

Os agricultores em todo o mundo procuraram compensar os custos mais elevados dos fatores de produção que se verificam este ano, plantando parcelas mais pequenas, mudando para culturas que requerem menos nutrientes ou reduzindo a utilização de fertilizantes, o que pode prejudicar as colheitas. Debateram-se com custos mais elevados das rações para a pecuária. Os países em desenvolvimento correm maior risco de ver a sua produção diminuir, porque os seus agricultores têm menos recursos financeiros para compensar a subida dos preços que crescem a um ritmo mais rápido do que os preços dos seus produtos.

Para além da ameaça óbvia à segurança alimentar e nutrição à escala do planeta, o aumento vertiginoso do preço dos alimentos e dos fatores de produção pode limitar os rendimentos, perturbar os mercados e originar agitação social.

Margem orçamental limitada



A maioria dos países em desenvolvimento carece de margem orçamental para amortecer o impacto do aumento substancial dos preços e o expressivo peso das faturas de importação dos produtos alimentares. Ao mesmo tempo, muitos não conseguem obter empréstimos porque não têm acesso aos mercados de crédito. Aos que podem contrair empréstimos são cobrados juros de tal modo elevados que os colocam em risco de sobre-endividamento soberano ou mesmo de incumprimento.

Muitos países em desenvolvimento já se encontram à beira do incumprimento. As famílias de baixos rendimentos precisam agora mais do que nunca de redes de proteção social para garantir a segurança alimentar, a nutrição e um nível de vida decente. A comunidade internacional deve conjugar e coordenar esforços para apoiar os mais vulneráveis.





A LONGA SOMBRA DOS CHOQUES DE CURTO PRAZO



©FAO/Veejay Villafraña

Três anos após os tufões Ondoy e Pepeng terem atingido as Filipinas em 2009, a incidência da pobreza na província afetada de Rizal era quase o dobro.



©FAO/Edrardo Soteras

Por sua vez, a crise do Ébola pode ter custado à África Ocidental uma média de 3,6 mil milhões de dólares dos Estados Unidos de receitas por ano entre 2014 e 2017, como resultado do declínio do comércio, do encerramento das fronteiras, da redução do investimento estrangeiro e da diminuição do turismo.

O CAMINHO A SEGUIR

Porque os sistemas agroalimentares estão interligados com tantas áreas diferentes das nossas vidas e economias – da agricultura aos recursos naturais, passando pela energia e pela saúde – possuem um potencial enorme enquanto veículos para um futuro mais equitativo e próspero. A transformação dos sistemas agroalimentares é fundamental para que possamos honrar o nosso compromisso de não deixar ninguém para trás e proporcionar melhor produção, melhor nutrição, melhor meio ambiente e uma vida melhor para todos.

Por este motivo, a transformação dos sistemas agroalimentares ocupa um lugar cada vez mais cimeiro na agenda de trabalhos mundial. A Cimeira dos Sistemas Alimentares das Nações Unidas de 2021 e outras iniciativas multilaterais estimularam o diálogo e a construção de caminhos para transformar os sistemas agroalimentares em muitos países do mundo. Mas muito resta ainda por fazer para garantir que ninguém fique para trás!



Desde logo, é essencial capacitar os mais vulneráveis, incluindo os pequenos produtores, investindo em sistemas agroalimentares que sejam mais eficientes, inclusivos, resilientes e sustentáveis. Para tanto, há que melhorar o acesso à formação, aos incentivos e à inovação, para que os pequenos produtores possam estar no centro desta transformação, tornando-se agentes ativos e igualitários de desenvolvimento sustentável.

Ao mesmo tempo, é necessário que os governos disponham de programas de segurança social atempados e bem direcionados para proteger os mais vulneráveis. Para além de dinheiro, isto pode implicar fornecer alimentos nutritivos e fatores de produção agrícola, melhorar as infraestruturas agrícolas, bem como ações complementares para proteger os meios de subsistência das pessoas e melhorar a sua situação nutricional.

Esta medida pode revelar-se muito benéfica no longo prazo, mas tem um custo, que representa um esforço para muitos países em desenvolvimento. Não há simplesmente uma resposta para a crise alimentar se não houver uma resposta para a crise financeira. É por isso que os países do G20 têm de apoiar os países em risco de fome, desnutrição e inanição, transformando os seus sistemas agroalimentares, dando resposta financeira aos apelos humanitários e aumentando a resiliência. Nestes apelos, deve ser dada maior prioridade ao aumento da produção alimentar local e à preservação dos recursos naturais como uma resposta de primeira linha, dado que a agricultura está entre as intervenções humanitárias economicamente mais eficientes.

As instituições financeiras internacionais devem apoiar o acesso dos países em desenvolvimento ao financiamento com investimentos ou redução do peso da dívida – particularmente quando o financiamento permite uma ação atempada em resposta às campanhas agrícolas – para que estes possam continuar a manter redes de

segurança social sólidas, investir nas zonas rurais e reforçar os seus sistemas agroalimentares.

Os sistemas agroalimentares e os meios de subsistência relacionados são afetados a curto e longo prazo pelos impactos interligados da crise climática, da perda de biodiversidade – incluindo a degradação dos ecossistemas, a perda de espécies e a erosão dos recursos genéticos – e da competição pelo acesso aos recursos naturais.

Devido aos impactos da crise climática, as pragas vegetais que devastam culturas economicamente importantes estão a tornar-se mais destrutivas e a representar uma ameaça crescente à segurança alimentar e ao meio ambiente. Os pequenos agricultores, as pessoas cuja subsistência depende da saúde das plantas e aquelas que vivem em países fustigados pela insegurança alimentar, são especialmente vulneráveis a estes riscos.

Proteger as plantas contra pragas e doenças é muito mais rentável do que lidar com emergências fitossanitárias. A FAO promove abordagens sustentáveis e ecológicas para prevenir e controlar o impacto potencial das pragas e doenças das plantas através da monitorização contínua, alerta precoce e promoção de estratégias de controlo preventivo inovadoras e ecológicas que sejam sustentáveis.

O Relatório de 2022 do Painel Intergovernamental sobre as Alterações Climáticas afirma que o aumento dos eventos climáticos e meteorológicos extremos que afetam todas as regiões do mundo já expuseram milhões de pessoas à insegurança alimentar aguda e reduziram a segurança hídrica. A gestão e utilização sustentável dos nossos recursos naturais não só contribuem para um melhor ambiente, como também são vitais para assegurar a transformação dos nossos sistemas agroalimentares em benefício de todos.

A FAO EM AÇÃO



Não deixar ninguém para trás significa trabalhar em muitas frentes ao mesmo tempo. Para a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), tal inclui promover o emprego e serviços rurais decentes, assegurar a proteção social, erradicar o trabalho infantil, apoiar a produção alimentar local para as populações vulneráveis nos países em crise alimentar e, ao mesmo tempo, fomentar a igualdade de género e apoiar as comunidades indígenas e rurais que são guardiãs de grande parte da biodiversidade da Terra. Seguem-se alguns exemplos dos esforços desenvolvidos pela FAO no sentido de recuperar o atraso.

- Na **Guatemala, Quênia, Ruanda, Senegal, Tunísia e Uganda**, a FAO ajuda os governos a estabelecer políticas, estratégias e programas que promovam mais e **melhores empregos** para os jovens nos sistemas agroalimentares e aumentem o seu acesso à formação e ao financiamento.
- A FAO tem vindo a trabalhar com o Governo das **Filipinas** para tornar o seu sistema de **proteção social** mais reativo a situações de choque. Assim, quando surgiu a COVID-19, o Governo conseguiu canalizar rapidamente verbas suplementares para pessoas em zonas vulneráveis e alargar o número de famílias abrangidas pelo sistema.
- Com o apoio da FAO, os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento (PEID) estão a trazer mais **mulheres empresárias** para as **cadeias de valor** do setor piscatório, aviário, apícola e turístico. As mulheres em **Barbados, Cabo Verde, Comores, Palau, Santa Lúcia e Samoa** estão a conseguir um maior controlo sobre os recursos, as tecnologias e os serviços.
- A FAO está a criar uma **rede global de mercados de agricultores** e a trabalhar com os governos no lançamento de políticas que liguem os consumidores a produtos nutritivos e aumentem o acesso dos produtores a novos mercados.
- No **Equador, Índia, Peru e Tailândia** a FAO trabalha com **Povos Indígenas** para reabilitar cerca de 1000 hectares em territórios indígenas através da **preservação biocêntrica**, uma abordagem mais inclusiva que tira partido do conhecimento indígena.

- Em resposta à seca na **Somália**, a FAO e os parceiros do governo local trabalham para proteger 11 milhões de animais com rações e assistência veterinária, para que 275 000 pessoas possam manter os seus ativos produtivos, a segurança alimentar e a nutrição.
- Só em **2021**, a FAO prestou **assistência humanitária de subsistência** a mais de 30 milhões de pessoas em todo o mundo, ajudando-as a continuar a produzir alimentos para as suas famílias e comunidades, apesar das múltiplas crises.



A FAO trabalha com os países mais vulneráveis através da iniciativa “Mão em Mão”, que apoia a implementação de programas ambiciosos conduzidos a nível nacional para acelerar a transformação dos sistemas agroalimentares erradicando a pobreza (ODS 1), acabando com a fome e a subnutrição (ODS 2), e reduzindo as desigualdades (ODS 10). Utiliza modelos e análises geoespaciais avançadas, bem como uma abordagem sólida de construção de parcerias para acelerar a transformação dos sistemas agroalimentares com base no mercado, levando ao aumento dos rendimentos, à melhoria da nutrição e do bem-estar entre as populações pobres e vulneráveis, e ao reforço da resiliência à crise climática.

A Iniciativa dá prioridade aos países e territórios onde a pobreza e a fome são mais elevadas, as capacidades nacionais são limitadas ou as dificuldades operacionais são maiores devido a crises naturais ou provocadas pelo homem. As áreas de intervenção incluíram o desenvolvimento de cadeias de valor para mercadorias prioritárias, a criação de indústrias agroalimentares e sistemas eficientes de gestão hídrica, a introdução de serviços digitais e agricultura de precisão, a redução das perdas e desperdícios alimentares, e a gestão dos riscos climáticos e meteorológicos.

ASSISTÊNCIA À UCRÂNIA



A FAO está a prestar assistência às famílias na Ucrânia para que possam plantar os alimentos a tempo para a próxima campanha. Desde 12 de julho de 2022, a FAO chegou a 30 622 agregados familiares (80 000 pessoas) em 13 províncias (oblasts) da Ucrânia, com apoio agrícola de emergência. Destes, 16 855 agregados familiares (43 823 pessoas) de dez províncias foram assistidos com batatas-sementes e 20 147 agregados familiares (52 382 pessoas) de 11 províncias receberam kits de legumes, enquanto alguns foram assistidos com ambos os tipos de apoio.

A assistência polivalente em dinheiro a 3 700 agregados familiares rurais (9 620 pessoas) também cobre as necessidades básicas das populações nos locais mais duramente atingidos na parte oriental e meridional da Ucrânia. O valor da transferência de dinheiro baseia-se no tamanho do agregado familiar, fornecendo a cada pessoa 226 dólares dos Estados Unidos (6 660 grívnia) durante três meses. A FAO também está a trabalhar para aumentar a disponibilidade e o acesso aos alimentos e enfrentar a falta de silos de cereais com o necessário apoio técnico e equipamento.

UMA ABORDAGEM HOLÍSTICA DAS PRAGAS DO GAFANHOTO-DO-DEERTO



O gafanhoto-do-deserto é a praga migratória mais destrutiva em todo o mundo – alimentando-se de pastagens e colheitas das quais milhões de pessoas em toda a África dependem para a sua subsistência e pondo em risco a segurança alimentar.

Entre janeiro de 2020 e janeiro de 2022, o apelo totalmente financiado pela FAO permitiu o tratamento de quase 2,3 milhões de hectares de terras infestadas pelo gafanhoto-do-deserto nos países afetados. Estes esforços evitaram a perda de 4,5 milhões de toneladas de colheitas, salvaram a produção de 900 milhões de litros de leite, e garantiram a alimentação de 41,5 milhões de pessoas. O valor comercial das perdas de cereais e leite evitadas através da resposta é estimado em 1,77 mil milhões de dólares dos Estados Unidos.

Parte da resposta incluiu a disponibilização de 14 milhões de dólares dos Estados Unidos em transferências monetárias para as famílias afetadas, protegendo 750 000 animais reprodutores com rações e distribuindo 150 000 kits agrícolas para salvar vidas humanas e meios de subsistência.

EM FOCO: O PROJETO CLEAR COTTON



O trabalho infantil é muitas vezes fruto da necessidade e do facto de muitas famílias rurais não poderem dar-se ao luxo de contratar pessoal para a sua exploração agrícola. É por esse motivo que no Burkina Fasso, Mali e Paquistão, a FAO está a colaborar com a Organização Internacional do Trabalho (OIT) no projeto CLEAR Cotton, que não só promove políticas nacionais para proteger as crianças, mas também ajuda ativamente os produtores de algodão a obterem rendimentos extra para que se tornem menos dependentes do trabalho dos filhos. O projeto oferece formação às famílias rurais vulneráveis, fatores de produção e acesso ao financiamento para que possam lançar microempresas lucrativas que ganhem dinheiro suficiente para contratar mão-de-obra agrícola externa e enviar os filhos para a escola. A FAO já formou mais de 1 000 famílias vulneráveis em atividades altamente lucrativas como criação de aves de capoeira, engorda de ovinos e produção de sésamo.

UMA TÁBUA DE SALVAÇÃO PARA OS AGRICULTORES NO AFEGANISTÃO



Em 2021, a FAO ajudou agricultores em 30 províncias do Afeganistão com kits de cultivo de trigo, uma intervenção que se espera venha a produzir alimentos básicos suficientes para alimentar 1,3 milhões de afegãos durante um ano inteiro. Cada pacote consistia em 50 kg de sementes de trigo de alta qualidade para plantar 2 jeribs (0,4 hectares) de terra, 50 kg de fertilizantes e formação técnica. Em 2022, a FAO está a ampliar os seus programas, querendo chegar a 9 milhões de pessoas até ao final do ano.

Inovação

A FAO está a dar passos concretos para enfrentar o desafio de aproveitar o potencial transformador da ciência e da inovação. A primeira Estratégia em matéria de Ciência e Inovação da Organização reconhece a necessidade de uma diversidade de inovações (tecnológicas [incluindo digitais], sociais, políticas, financeiras e institucionais). Novas ferramentas e abordagens estão a mudar o modo como cultivamos e criamos gado, lutamos contra pragas e doenças que afetam a saúde dos animais, das plantas e dos seres humanos, protegemos e recuperamos os nossos recursos naturais e agimos em situações de crise. Adicionalmente, parcerias transformadoras, meios financeiros e financiamentos inovadores são essenciais para catalisar a ação e acelerar os esforços coordenados para obter resultados impactantes. Para enfrentar o desafio de não deixar ninguém para trás, é fundamental investir em todas as áreas da inovação, desde o laboratório ao conhecimento dos povos indígenas e dos pequenos produtores, para encontrarmos as melhores soluções adaptadas às necessidades locais e aos contextos ecológicos a fim de erradicar a fome e a subnutrição.

Tanto para os produtores como para os decisores políticos, a informação exata e atualizada é fundamental para a tomada de decisões. A ferramenta de monitorização eLocust3 da FAO revelou-se primordial na nossa ação precoce e na luta eficaz contra a recente praga de gafanhotos no Corno de África e no Iêmen em 2020-2021. O Earth Map e a

Hand-in-Hand Geospatial Platform da FAO tornam a capacidade do Google Earth Engine e o grande catálogo de dados da FAO acessível ao computador de todas as pessoas para análise das condições do solo, da água e da produção agrícola e pecuária, juntamente com dados socioeconómicos e climáticos.

A investigação e o desenvolvimento de ponta podem ajudar a avançar a tão necessária transformação dos sistemas agroalimentares. Por exemplo, o Centro Misto FAO/Agência Internacional da Energia Atômica (IAEA) e alguns laboratórios desenvolvem novos métodos para otimizar técnicas nucleares e isotópicas na gestão dos recursos terrestres e hídricos, nutrição vegetal, saúde animal e segurança alimentar.

O Sistema Mundial de Informação e Alerta Precoce sobre Alimentação e Agricultura (GIEWS) monitoriza a oferta e procura alimentar e outros indicadores-chave de segurança alimentar para alertar para possíveis crises – para que os governos e as agências de desenvolvimento possam agir rapidamente quando os alimentos se tornam escassos ou inacessíveis.

Melhores dados e tecnologia significam que temos agora os instrumentos para prever e agir precocemente em caso de crise e para reduzir significativamente os seus impactos. A FAO lidera os esforços mundiais no sentido de aumentar a ação antecipatória baseada em sinais de alerta precoce, com retornos para as famílias atingidas por crises de até 7 dólares por

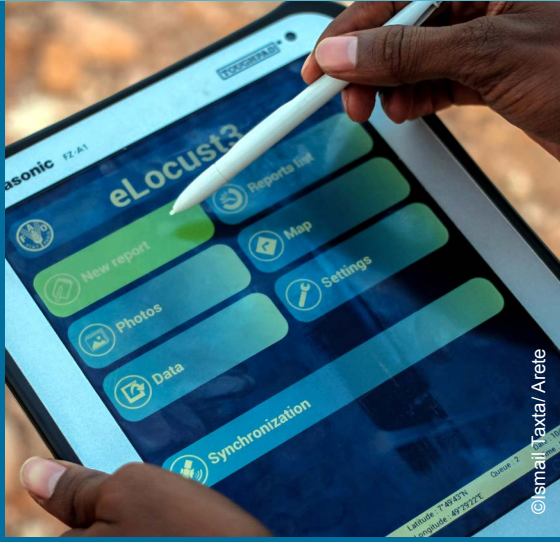
cada dólar que a FAO investe na proteção dos seus meios de subsistência.

Para pessoas carecidas de ajuda, o sistema IDEA (Aplicação de Identificação, Prestação e Empoderamento) permite aceder ao apoio, inclusive através de vales eletrónicos e serviços de dinheiro móvel, e o pessoal da FAO pode registar e apoiar os beneficiários mesmo em contextos operacionais complexos.

Além disso, a FAO está a converter pelo menos 1 000 aldeias rurais em todo o mundo em centros digitais através da Iniciativa “Aldeias Digitais” – para que todos os agricultores possam ter acesso à internet, tomar decisões mais informadas sobre a sua produção e aceder a novos mercados, ferramentas e serviços.

Por sua vez, as Escolas de Campo para Agricultores da FAO são inovadoras na forma como utilizam a aprendizagem entre pares para introduzir novos métodos e práticas sustentáveis nas comunidades agrícolas de forma colaborativa e prática.

Dado que até 2050 a população urbana mundial deverá atingir quase 70 por cento, a Iniciativa “Cidades Verdes” da FAO concentra-se em melhorar o ambiente urbano, reforçar as interligações entre o espaço urbano e o rural e a resiliência dos sistemas alimentares, dos serviços e das populações urbanas a choques externos.



ENVOLVA-SE

HERÓIS DA ALIMENTAÇÃO

As pequenas explorações agrícolas produzem mais de um terço dos alimentos do mundo, mas representam 80% dos produtores mundiais. Embora sejam uma das bases do nosso sistema agroalimentar, os pequenos agricultores estão demasiadas vezes encurralados em ciclos de pobreza e insegurança alimentar e excluídos de oportunidades em sistemas dominados por grandes produtores e retalhistas. Se estamos empenhados em não deixar ninguém para trás, temos de transformar os nossos atuais sistemas agroalimentares para proporcionar igualdade de oportunidades a todos os produtores e ajudar os pequenos agricultores a terem acesso a novos mercados. Isto implica investir igualmente na transformação rural.





O que os governos podem fazer

- Utilizar dados centrados nas pessoas para identificar quem está a ser deixado para trás e porquê, e conceber políticas que recuperem o atraso.
- Utilizar a informação de alerta precoce para alertar as comunidades para ameaças futuras e ligá-las a ações antecipatórias para proteger vidas e meios de subsistência antes de uma crise.
- Tornar as instituições inclusivas, transparentes e responsáveis e assegurar que os investimentos e as políticas reconheçam as ligações entre os desafios económicos, sociais e ambientais.
- Garantir a igualdade de acesso à proteção social.
- Investir na tomada de decisão assente em dados concretos, na ciência, na tecnologia e na inovação.
- Assegurar e promover regimes alimentares saudáveis a preços acessíveis.
- Manter os mercados abertos.
- Criar cadeias de abastecimento mais resilientes, sustentáveis e diversificadas, inclusive através do cultivo de uma variedade de alimentos nutritivos a nível doméstico.
- Disponibilizar reservas alimentares a países vulneráveis à fome e à inanição e trabalhar com instituições financeiras internacionais para garantir liquidez financeira.
- Dar voz, ferramentas e formação aos marginalizados para assegurar a participação ativa de todos nos sistemas agroalimentares.
- Oferecer incentivos ao setor privado para fornecer alimentos mais saudáveis, produzidos de forma sustentável e a preços acessíveis.
- Prevenir perdas e desperdícios alimentares, e promover o consumo responsável.

O que as empresas, as ONG e as instituições de investigação podem fazer

- Introduzir práticas de produção responsável, adquirir ingredientes produzidos de forma sustentável, reduzir os resíduos e optar por embalagens mais sustentáveis.

- Produzir e promover alimentos nutritivos e a preços acessíveis, inclusive como parte essencial da resposta humanitária.
- Dar prioridade aos direitos humanos e à responsabilização.
- Apoiar organizações internacionais e locais quando trabalhem em países em desenvolvimento.
- Melhorar o acesso ao financiamento para os intervenientes no sistema agroalimentar e tornar as empresas e os mercados mais inclusivos, envolvendo os pequenos produtores, as mulheres, os jovens e as populações indígenas.
- Oferecer formação baseada em competências, encorajar a partilha de conhecimentos e melhorar as infraestruturas locais.
- Investir na tomada de decisão assente em dados concretos, na ciência, na tecnologia e na inovação.
- Partilhar dados centrados na solução sobre formas como os governos podem transformar os sistemas agroalimentares.

O que cada um de nós pode fazer

- Manter-se informado sobre as ameaças globais à segurança alimentar e nutrição e sobre as soluções existentes.
- Apelar aos decisores locais para que tomem medidas no sentido de apoiar os mais vulneráveis.
- Doar tempo, dinheiro e recursos a organizações de desenvolvimento e assistência e a causas na sua comunidade.
- Comprar apenas o que é preciso e evitar desperdício através de um armazenamento adequado e de um planeamento criativo das refeições.
- Escolher alimentos locais, reduzir os produtos de alta intensidade de recursos, incluindo embalagens supérfluas, e comer produtos da época.
- Apoiar os pequenos produtores comprando nos mercados de agricultores e procurando rótulos que indiquem apoiar os pequenos agricultores.

FACTOS

3,1 mil milhões de pessoas – quase 40% da população mundial – **não podem dar-se** ao luxo de uma alimentação saudável.

Cerca de **193 milhões de pessoas** necessitaram de **assistência humanitária** para a sua sobrevivência em 2021.

Os **conflitos** foram o principal fator de insegurança alimentar aguda para **139 milhões de pessoas** em 24 países e territórios em 2021.

Enquanto **828 milhões de pessoas** passam fome, **1 em cada 8** adultos é obeso, tendência que está a aumentar em todas as regiões do mundo.

Mais de **80%** das pessoas em situação de **pobreza extrema** vivem em **zonas rurais**.

Dois terços das pessoas que sofrem de insegurança alimentar aguda são **produtores de alimentos em zonas rurais**.

Globalmente, as **mulheres** têm **15%** mais probabilidades do que os homens de serem **atingidas pela insegurança alimentar** de forma moderada ou grave.

Os **Povos Indígenas** são guardiães de **80%** da **biodiversidade** terrestre mundial em **22%** da superfície da Terra. No entanto, sofrem taxas de **pobreza, subnutrição** e **deslocamento** interno mais elevadas.

160 milhões de crianças estão envolvidas em **trabalho infantil**. O **sector agrícola** é responsável por mais de **70%** do trabalho infantil a nível mundial.



A SOLUÇÃO PASSA PELA AGRICULTURA E PELA ALIMENTAÇÃO

Embora a alimentação e a agricultura contribuam atualmente com cerca de um terço das emissões de gases com efeito de estufa, a boa notícia é que o sector agroalimentar também pode ser uma parte fundamental da solução.

As florestas desempenham um papel importante em relação à resiliência, adaptação e mitigação climática, servindo nomeadamente de sumidouro de carbono e de acolhimento e conservação da biodiversidade, bem como amortecendo os riscos causados pelos impactos da crise climática.

Parar a desflorestação e manter as florestas poderia evitar a emissão de cerca de 3,6 gigatoneladas de dióxido de carbono equivalente (GtCO₂e) por ano entre 2020 e 2050, incluindo cerca de 14% do que é necessário até 2030 para manter o aquecimento planetário abaixo de 1,5 °C, salvaguardando ao mesmo tempo mais de metade da biodiversidade terrestre do planeta.

A recuperação de terras degradadas e a expansão da agrossilvicultura é também parte da solução. 1,5 mil milhões de hectares de terras degradadas beneficiariam da recuperação, e o aumento da densidade da cobertura arbórea poderia incrementar a produtividade agrícola em mais mil milhões de hectares. A recuperação de terras degradadas através da arborização e reflorestação poderia retirar da atmosfera ao melhor custo até 1,5 GtCO₂e por ano entre 2020 e 2050, o que se pode comparar a retirar da estrada até 325 milhões de carros de passageiros movidos a gasolina por ano.

16 de outubro de 2022

Dia Mundial da Alimentação

A ação coletiva em 150 países de todo o mundo é o que torna o Dia Mundial da Alimentação um dos mais celebrados no calendário das Nações Unidas. Centenas de eventos e atividades de sensibilização reúnem governos, empresas, organizações da sociedade civil (OSC), meios de comunicação, o público e mesmo os jovens. Promovem a sensibilização e a ação à escala mundial a favor das vítimas da fome e a necessidade de assegurar uma alimentação saudável para todos, sem deixar ninguém para trás.

O #DiaMundialDaAlimentação 2022 celebra-se num ano marcado por inúmeros desafios mundiais, incluindo a pandemia em curso, os conflitos, as alterações climáticas, a subida dos preços e as tensões internacionais. Tudo isto afeta a segurança alimentar mundial.

É tempo de trabalharmos juntos para criar um futuro melhor e mais sustentável para todos. Faz do #DiaMundialDaAlimentação o TEU dia. Responde ao apelo organizando um evento ou uma atividade ou mostra o que tens feito.



#DiaMundialDaAlimentação
#HeróisDaAlimentação
fao.org/world-food-day

**ORGANIZAÇÃO
DAS NAÇÕES UNIDAS
PARA A ALIMENTAÇÃO E A
AGRICULTURA**

Viale delle Terme di Caracalla
00153 Roma, Itália



Alguns direitos reservados. Esta obra é disponibilizada ao abrigo da licença CC BY-NC-SA 3.0 IGO